

## IDENTIDADE, AUTENTICIDADE E TURISMO: BARES GAYS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL LGBTQI+

Data de submissão: 30/09/2024

Data de aceite: 01/10/2024

### Christopher Smith Bignardi Neves

Doutor em Geografia e mestre em Turismo  
pela Universidade Federal do Paraná –  
UFPR  
Curitiba – Paraná  
<http://lattes.cnpq.br/7108544027466482>

**RESUMO:** O manuscrito explora a importância dos bares gays como elementos centrais na formação e consolidação dos *gayborhoods*, destacando seu papel como espaços de sociabilidade, identidade e resistência para os coletivos LGBTQI+. Além de sua função social, os bares gays têm um impacto econômico significativo, atraindo turistas e visitantes que buscam experiências autênticas e inclusivas. Eles são frequentemente destacados em guias de viagem voltados para a comunidade LGBTQI+, contribuindo para a promoção de destinos turísticos e a valorização da diversidade cultural local. Para tanto, faz-se uma apresentação descritiva de quatro bares icônicos do universo queer: Stonewall Inn (Nova York), Comptons of Soho (Londres), The Stud (San Francisco), Café 't Mandje (Amsterdã). As considerações apontam que os bares gays são fundamentais para

a vida social da população LGBTQI+ e para a construção de um patrimônio cultural que celebra a diversidade e a inclusão, tornando-se essenciais na roteirização turística de destinos *friendly*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Turismo LGBTQI+; Bares gays; *Gayborhoods*; Patrimônio queer.

## 1 | INTRODUÇÃO

Os bares gays não são meramente locais de entretenimento; são centros de identidade, acolhimento e celebração da diversidade para a coletividade LGBTQI+ e seus aliados. Combinando elementos de sociabilidade, cultura, economia e representação, os bares gays se tornaram elementos cruciais na configuração e definição dos chamados *gayborhoods*.

De acordo com Hilderbrand (2024), os bares gays passaram por diversas transformações e adaptações desde a década de 1960, refletindo as mudanças na sociedade e na comunidade LGBTQI+. Inicialmente, esses espaços eram essenciais como locais de refúgio

e encontro para pessoas LGBTQ+ devido à discriminação e marginalização enfrentadas. Com o passar do tempo, os bares gays se tornaram não apenas locais de socialização, mas também centros de ativismo, cultura e expressão.

Ao longo das décadas, os bares gays evoluíram para se tornarem espaços de celebração da diversidade, inclusão e identidade LGBTQ+. Eles desempenharam um papel crucial na construção de comunidades, na promoção da visibilidade e na luta por direitos e igualdade. Além disso, os bares gays foram fundamentais na formação de laços sociais, na criação de redes de apoio e na expressão artística e cultural da comunidade LGBTQ+.

Nas metrópoles, ocorrem os principais eventos da população LGBTQI+, como as Paradas do Orgulho LGBTQI+, World Pride, Gay Games e Festivais de Filmes (Neves, 2020). Nessas cidades, encontram-se os estabelecimentos noturnos mais renomados frequentados pelo público, como bares e casas noturnas LGBTQI+, que abrigam apresentações de destacadas *drag queens*. É nesse contexto urbano que se concentram os encontros homosociais, facilitando e promovendo relacionamentos afetivos e sexuais, o que muitas vezes mitifica a cidade como um “paraíso gay” (Giraud, 2010) ou um “eldorado” (Gresillon, 2000), o que influencia significativamente a atração turística para esses pontos de interesse.

Conforme observado por Leroy (2005) e Mattson (2019), houve um notável aumento na quantidade de bares direcionados, sobretudo, para a frequência e consumo por parte dos homens gays. Essa tendência evidencia a consolidação desses espaços privados, destacando o que Pollak (1982) denominou como instituições fundamentais na vida gay.

A literatura geográfica e sociológica geralmente explora mais os espaços de sociabilidade gay formais, tais como bares, cafés e restaurantes, destacando a experiência positiva de interação, contribuição econômica e visibilidade (Adam, 1999). No entanto, os pesquisadores tendem a evitar espaços mais informais, como saunas e *dark rooms*<sup>1</sup>, devido à percepção de que ali a sexualidade é mais explícita.

Para Pollak (1982), os bares destinados ao público gay surgiram progressivamente nas cidades após a década de 1970, anteriormente banidos ou considerados ilegais, passaram a desfrutar da liberdade prevalecente na época. Em um contexto diferente, Hekma (2007), ao analisar o surgimento dos bares gays em Amsterdam, destaca diversos motivos, incluindo o movimento homossexual neerlandês (COC), uma cultura gay e lésbica mais robusta e autoconsciente, a influência da cultura hippie e de drogas, bem como o reconhecimento da cidade como a capital mundial dos gays.

Além de serem espaços de sociabilidade, esses estabelecimentos servem como uma entrada para os mais jovens, recém-chegados de outras cidades ou recentemente assumidos, permitindo que descubram sua identidade como parte da coletividade LGBTQI+. A importância econômica dos bares gays tem sido abordada por diversos teóricos, incluindo

---

<sup>1</sup> Quarto escuro, é um ambiente mantido sem iluminação para evitar a exposição não desejada de pessoas ou objetos, ambientes onde as interações são anônimas e, em muitos casos, direcionados para relações sexuais casuais.

Pollak (1982), Adam (1999), Sibalis (2004), Blidon (2007), Hekma (2007), Ghaziani (2014; 2022), Doan (2015) e Mattson (2019).

Conforme Giraud (2014; 2009) observou, esses locais são espaços performáticos de encenação da sexualidade dissidente, expressados através de linguagens verbais e não verbais, linguagem corporal e códigos de vestimenta (inclusive a ausência das vestes), realizados como processos rituais, como flertes ou momentos descontraídos com nuances humorísticas, em meio a uma cultura dominante, muitas vezes destacada por uma decoração específica (Butler, 1990; 1993).

Refletindo sobre o papel crucial dos bares na narrativa dos gayborhoods, Mattson (2022) e Ghaziani (2022) percebem que esses estabelecimentos são atrativos turísticos para o público LGBTQI+. Como evidenciado no caso da Reguliersdwarsstraat, determinados bares gays tornaram-se conhecidos em âmbito regional, nacional e internacional (Neves, 2020).

Com a ascensão do marketing direcionado ao público gay (Nunan, 2003), revelando as vantagens do Pink Money (Hughes, 2006), esse mercado específico dos bares gays se tornou uma parcela significativa do entretenimento (Quilley, 1997; Sibalis, 2004). Assim, bares como o Stonewall Inn (Nova Iorque), Comptons of Soho (Londres), The Stud (San Francisco), Café 't Mandje (Amsterdã) transformaram-se em locais conhecidos, frequentados por membros da coletividade LGBTQI+ de todo o globo. Conforme observado por Giraud (2014), esses bares atraem o maior número de visitantes, provenientes de diversas origens geográficas.

Em contraste com os bares famosos, outros estabelecimentos atendem principalmente a uma demanda local, situados longe dos holofotes midiáticos e dos guias turísticos. Esses bares, muitas vezes distantes dos gayborhoods, são marginalizados, inseridos nas áreas periféricas do tecido urbano (Binnie; Skeggs, 2004).

Busscher, Mendès-Leite e Proth (1999) mencionam que alguns bares operam dentro de uma economia centrada no prazer sexual, envolvendo relações sexuais minimamente socializadas. De acordo com Lauc Humphreys (2007), esses locais, incentivando a prática da sexualidade anônima entre homens, constituem uma espécie de “etnografia perigosa”, resultando em poucas análises dedicadas a esses bares gays.

Se considerarmos a histórica exclusão da coletividade LGBTQI+ dos espaços públicos, é possível compreender a transição para espaços privados, onde se organizam e discutem questões sensíveis para a coletividade. Dessa forma, os espaços de consumo tornam-se recursos culturais e políticos cruciais na mitigação das opressões sociais.

Para entender o desenvolvimento dos gayborhoods, é essencial compreender o papel desempenhado pelos empreendimentos gays nesse processo e como continuam a surgir novos estabelecimentos e serviços (Podmore, 2006; 2013; Doan, 2015). Como resultado, os gayborhoods ganharam visibilidade, pois destacaram seus sucessos empresariais, ressaltados por sua natureza singular de eventos e atividades únicas, que promovem o

comportamento hedonista de festividades e entretenimento (Hahm; Ro; Olson, 2018).

A gaytrificação nas últimas cinco décadas tem sido um fenômeno crucial para o sucesso dos estabelecimentos gays e o avanço dos direitos civis. Assim, empresários gays têm contribuído significativamente para transformar a imagem das cidades, resultando no “selo *gay-friendly*”. Esse *Place Branding* é derivado principalmente do processo de gaytrificação (Montenegro, 2022; Bitterman, 2021).

Estes esforços empresariais são manifestados de várias maneiras, incluindo a visibilidade dos empreendedores e funcionários LGBTQI+, campanhas de marketing direcionadas aos consumidores desse grupo e a localização estratégica dessas empresas em gayborhoods (Doan, 2015). Mesmo os clientes heterossexuais percebem a cultura dominante nesses territórios e consumir nesses estabelecimentos é visto como um incentivo e apoio à causa LGBTQI+, que sentem-se pertencentes a estes lugares.

Autores como Chicoine, Rose (1993), Collins (2005), Ghaziani (2018) e Montenegro (2022) ressaltam que a imagem do bairro e sua representação social são moldadas por espaços visíveis, arquitetura, vitrines decoradas, grafites, obras de arte e, no caso da gaytrificação, a exposição de bandeiras coloridas ou trans, além da representação afetiva de casais gays e lésbicas. A visibilidade dos frequentadores é determinada por essa imagem do local.

Na visão de Ghaziani (2022) e Giraud (2014), a gaytrificação influencia a imagem do bairro e a representação dos seus moradores, promovendo uma dinâmica distinta em comparação aos bairros heteronormativos da cidade. Os gayborhoods tendem a ter características mais efervescentes, acolhedoras e autênticas, aumentando a presença e atividade queer no local, impactando a frequência de LGBTQI+.

Greggor Mattson (2019), em estudos recentes investiga a importância dos bares gays e os motivos pelos quais muitos deles estão encerrando suas operações. O autor aponta que o declínio no funcionamento de bares gays teve início por volta de 2002, e, entre 2007 e 2019, 37% dos bares gays nos Estados Unidos fecharam.

Esse declínio também afetou restaurantes, pequenas lojas e prestadores de serviços mais suscetíveis a essas mudanças. Mattson (2019) destaca que, em cidades litorâneas, a gentrificação expulsou os bares gays das áreas que a própria coletividade LGBTQI+ havia contribuído para modernizar.

Entretanto, Mattson (2020) continua a enxergar os bares gays como portais para a liberdade, considerando-os rituais de passagem no processo de aceitação de indivíduos LGBTQI+, fornecendo um espaço acolhedor para esse público. No entanto, o fechamento desses estabelecimentos deixa a coletividade LGBTQI+ mais vulnerável.

O autor menciona a existência de uma variedade de bares gays reconhecidos em grandes centros urbanos, muitos dos quais têm uma presença consolidada na economia local. No entanto, em cidades menores e mais distantes, há apenas um ou dois bares, e o fechamento desses estabelecimentos deixa a comunidade sem um espaço vital para

socialização (Mattson, 2020; 2022).

A pandemia da Covid-19 agravou ainda mais a situação desses bares, antecipando o encerramento de muitos deles. As restrições e medidas adotadas levaram à diminuição da frequência dos clientes, resultando na perda de fontes de renda. Mattson (2020) observa que profissionais como DJs, *drag queens* e seguranças frequentemente não são funcionários registrados dos bares, dependendo de gorjetas, comissões sobre vendas ou pagamento por serviços prestados diariamente.

O fechamento de bares gays, especialmente em meio à pandemia da Covid-19, tem sido uma realidade preocupante. Muitos desses locais, tendo sofrido com as restrições e a redução da clientela, viram-se à beira do encerramento. As dificuldades financeiras, problemas de gestão e mudanças no comportamento do consumidor têm colocado em xeque a continuidade desses espaços.

Contudo, embora tenham sido fundamentais para a coesão e identidade desses bairros, esses estabelecimentos enfrentam desafios significativos. Em resposta a essa situação, Mattson destaca que muitos profissionais do entretenimento migraram para o espaço virtual, organizando apresentações em vídeo nas redes sociais, gravando *lives* ou *podcasts*. Embora os bares enfrentem dificuldades financeiras e problemas de gestão, o autor refuta a afirmação de que estejam desaparecendo dos gayborhoods (Mattson, 2020).

A história e o impacto desses estabelecimentos são profundamente enraizados na cultura e identidade LGBTQI+, e, portanto, seu declínio representaria uma perda significativa para esse coletivo. A era pós-pandemia representará um desafio adicional para a recuperação desses bares, exigindo adaptações e estratégias inovadoras para manter a tradição e relevância desses espaços. Sua importância transcende o valor comercial, carregando consigo um legado de inclusão, aceitação e celebração da diversidade, que muitos consideram insubstituível.

## 2 | ANÁLISE

A seguir, apresenta-se resumidamente alguns dos bares gays que aparecem em guias turísticos, destacando a contribuição destes estabelecimentos para o nível local, evidenciados como agentes da cultura queer da cidade, do país e até mesmo no âmbito mundial.

### 2.1 Stonewall Inn (Nova York)

O Stonewall Inn é um bar icônico para o movimento pelos direitos LGBTQI+ e um marco histórico na luta por igualdade e aceitação. Este bar, localizado na rua Christopher n. 53, no coração de Greenwich Village, na cidade de Nova York, é amplamente reconhecido como um dos locais mais emblemáticos da cultura LGBTQI+. Sua importância histórica

é inegável, e isso se deve, aos tumultos de Stonewall, que se iniciaram em 28 junho de 1969 e representaram um ponto de virada na história do ativismo pelos direitos dessas coletividades.

O Stonewall Inn serviu como um refúgio e um ponto de encontro crucial para a coletividade LGBTQI+ em uma época em que a discriminação e a hostilidade eram generalizadas. Na década de 1960, a cidade de Nova York abrigava uma população LGBTQI+ considerável, e os bares gays eram um dos poucos lugares onde as pessoas podiam expressar abertamente sua orientação sexual. No entanto, esses estabelecimentos enfrentavam uma série de desafios, incluindo a discriminação legal que os impedia de obter licenças para vender bebidas alcoólicas (Figura 1).



Figura 1 – Stonewall Inn (Nova York)

Fonte: Fred W. McDarrah (28 de junho de 1969); National Park Service (22 de outubro de 2013).

Em resposta a essas dificuldades, ativistas LGBTQI+ lideraram esforços para reverter a política discriminatória do órgão regulador de bebidas alcoólicas do estado de Nova York. Eles obtiveram sucesso nesse empreendimento, em parte devido aos interesses financeiros envolvidos, pois os proprietários de bares gays vislumbraram oportunidades lucrativas (*pink money*), para evitar batidas policiais subornavam os oficiais, tornando o Stonewall Inn e estabelecimentos similares mais viáveis comercialmente

No entanto, o Stonewall Inn estava longe de ser um local luxuoso, suas os relatos remetem a um local sujo e operando à margem da legalidade. Por estar no epicentro da vida noturna LGBTQI+ de Nova York, o bar acolhia clientes que enfrentavam múltiplas formas de marginalização. Isso incluía pessoas menores de idade, indivíduos sem-teto, pessoas negras e *drag queens*, que eram frequentemente excluídas de outros espaços de reunião social homossexual.

Como observou Dick Leitsch, o primeiro jornalista homossexual a documentar os eventos da época, o Stonewall Inn era mais do que apenas um lugar para dançar e socializar; era um refúgio para pessoas que, de outra forma, se sentiam indesejadas ou excluídas de outros círculos LGBTQI+. Seu papel como ponto de encontro para a diversidade de experiências e identidades dentro da coletividade LGBTQI+ é uma parte fundamental de

sua história.

Hoje, o Stonewall Inn é reconhecido como o primeiro monumento nacional dedicado aos direitos LGBTQI+ nos Estados Unidos – *National Historic Landmark (NHL) Criterion 1*. Essa nomeação assegura que sua história seja preservada e protegida para as gerações futuras. Além disso, o monumento (Figura 2) serve como um local público de celebração e reflexão, onde visitantes de todo o mundo podem começar a compreender e celebrar o legado histórico e a importância do Stonewall Inn no movimento pelos direitos LGBTQI+.



Figura 2 – Stonewall National Monument (Nova York)

Fonte: Spencer Platt (30 de maio de 2014); Hulton Archive (2019).

Na proclamação, o então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama apresenta que:

A Revolta de Stonewall mudou a história da nação. [...] A busca pela igualdade LGBT depois de Stonewall evoluiu de protestos e pequenas reuniões para um movimento nacional. Mulheres lésbicas, homens gays, bissexuais e transexuais unidos para garantir direitos iguais para todas as pessoas, independentemente da sua orientação sexual ou identidade de gênero. As duras vitórias dos direitos civis em tribunais e assembleias estaduais em todo o país prepararam o terreno para vitórias na Suprema Corte que teriam parecido impensáveis para aqueles que se levantaram em Greenwich Village em junho de 1969. Hoje, comunidades, cidades e nações celebram dias e meses do Orgulho LGBT (The White House, 2016 – tradução nossa).

## 2.2 Comptons of Soho (Londres)

O Comptons of Soho é um dos bares mais antigos e emblemáticos na região do Soho, em Londres. Este estabelecimento não apenas desempenhou um papel crucial na vida noturna do bairro, mas também influenciou significativamente a identidade e a dinâmica do gayborhood em si. Este artigo se propõe a analisar a história do Comptons of Soho, sua influência na rua e sua contribuição para a evolução do bairro gay.

Comptons está no epicentro da cena gay desde 1986. Um farol acolhedor nos tempos difíceis do final dos anos 80 e 90, Comptons ficou famoso pela

multidão de gays bebendo na rua em frente ao local. Agora um dos locais LGBTQIA+ mais famosos de Londres, Comptons continua sendo o coração do Soho gay (Comptons, 2023, sem paginação – tradução nossa).

Originalmente conhecido como *The Swiss Tavern* na década de 1950, emergiu como um ponto de encontro discreto e popular entre a o público gay em um período no qual encontros homossexuais eram ilegais (Travel Gay, 2012). Sua história remonta a uma era em que espaços seguros para a coletividade LGBTQI+ eram escassos e, por vezes, perigosos. Na década de 1980, o Comptons of Soho começou a se destacar como um local de refúgio e acolhimento para indivíduos queer, tornando-se um dos primeiros bares declaradamente gays de Londres.

Localizado estrategicamente no coração do Soho, o Comptons of Soho exerceu influência direta na dinâmica da Old Compton Street. Esta rua icônica tornou-se sinônimo da cultura gay de Londres e viu um aumento significativo no número de estabelecimentos voltados para a coletividade LGBTQI+ ao longo dos anos (Andersson, 2009). O Comptons, como um dos bares pioneiros, contribuiu para a consolidação da rua como um epicentro da vida noturna gay, atraindo uma ampla gama de frequentadores e contribuindo para a diversidade e riqueza cultural do local.

Deste modo, a Old Compton Street, tem sido um importante ponto central para a coletividade LGBTQI+ desde o início dos anos 1990. A área vivenciou um rápido crescimento de negócios voltados para o público queer, atraindo a atenção tanto da mídia direcionada ao público LGBTQI+ quanto da mídia convencional. O desenvolvimento da Old Compton Street como parte fulcral do gayborhood foi celebrado por seu modelo territorial baseado na identidade (Andersson, 2018).

Além de seu impacto na rua, o Comptons of Soho (Figura 3) desempenhou um papel crucial no desenvolvimento do bairro gay de Londres. Ao longo das décadas, o bairro do Soho se estabeleceu como um gayborhood. O Comptons, com sua história marcante e compromisso com a coletividade, desempenhou um papel significativo na criação e manutenção de um ambiente acolhedor para indivíduos LGBTQI+ na região.



Figura 3 – Comptons of Soho (Londres)

Fonte: Yui Mok (29 de julho de 2000); Jamie Thistlethwaite (21 de novembro de 2020).

O Comptons of Soho consiste num marco na história da coletividade gay de Londres. Sua história de resistência, seu impacto na dinâmica da rua e sua contribuição para a formação e consolidação do bairro gay destacam a importância não só como um ponto de encontro, mas como um símbolo da luta e celebração da diversidade na cultura LGBTQI+. Este estabelecimento continua a desempenhar um papel vital na promoção de um espaço seguro e inclusivo para a coletividade LGBTQI+ no Soho.

### 2.3 The Stud (San Francisco)

Originalmente inaugurado em 1966, como um bar gay de temática *country-western* o The Stud era localizado originalmente na Folsom Street n. 1535, na região de SoMa (South of Market) em São Francisco (Bravo, 2023). Este bairro sempre foi conhecido por abrigar uma vibrante cena LGBTQI+ e se tornou um ponto central para a coletividade queer, desde 1987, o bar (Figura 4) ocupava um prédio datado de 1908, na 9th Street n. 399, que era decorada em estilo kitsch (Batey, 2020).

Durante décadas, o local foi um ponto de encontro crucial para a coletividade LGBTQI+, oferecendo um espaço seguro e acolhedor para uma variedade de pessoas, se tornou um centro de expressão artística, abrigando performances de drag queens, shows de talentos locais, festas temáticas (Frolic, drag queens, góticas), além de uma variedade de eventos culturais, beneficentes, arrecadações de fundos e festivais culturais que apoiavam LGBTQI+ e suas causas.

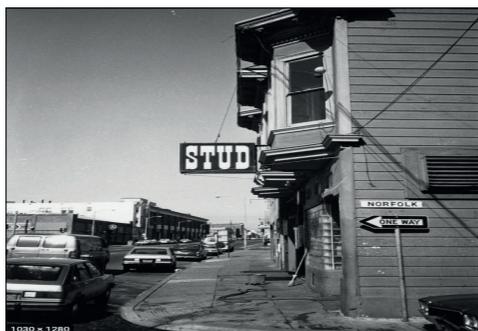


Figura 4 – The Stud (San Francisco)

Fonte: G. Matson (sem data informada); David Shnur (sem data informada).

O bar era frequentado por entusiastas da cultura queer. O The Stud foi frequentado por inúmeras personalidades ao longo dos anos, incluindo artistas, drag queens, músicos, ativistas e membros influentes da coletividade LGBTQI+. Muitos artistas conhecidos e emergentes apresentaram-se no palco do The Stud, contribuindo para a reputação do clube como um local de descoberta de novos talentos. Incluindo artistas atualmente famosos como Sylvester, Divine, RuPaul, Lady Gaga, Bjork, Matthew Barney entre outros ícones da

cultura LGBTQI+ e da indústria do entretenimento.

O Stud é um dos bares gays mais antigos de São Francisco, orgulhoso entre os poucos que sobraram dos velhos tempos, quando toda uma parte da cidade era mais selvagem do que hoje. É mais que um bar, é um lugar para se encontrar (O'Furr, 2016 – tradução nossa).

O bar passou por alguns momentos de crise, em 1987, quando mudou de endereço, depois em 1996 quando foi comprado por Michael McElhaney, depois em 2016, quando o referido proprietário, anunciou que se aposentaria, acrescentando que o prédio havia sido vendido, o aluguel triplicaria e que um condomínio de luxo erguido ao lado do bar, gerava muita preocupação e incerteza sobre o futuro do local (Bieschke, 2016). Parte dos funcionários do The Stud se mobilizaram e formaram uma cooperativa que comprou o bar (Kukura, 2016).

Em 2020, devido a dificuldades financeiras exacerbadas pela pandemia de COVID-19, o The Stud anunciou o fechamento de suas portas físicas. No entanto, um grupo cooperativo de 18 proprietários que gerencia o bar se mobilizou para preservar o seu legado e, desde então, houve esforços para manter a presença do The Stud, tanto por meio de eventos online como possíveis planos para uma reabertura física ou continuando suas atividades de maneira itinerante.

Na época áurea do Leather District, quase 30 empreendimentos atendiam ao público LGBTQ, no período pós-pandêmico restam apenas alguns. Apesar do reconhecimento legal do Leather District como um distrito cultural e um patrimônio significativo para a cidade de San Francisco, uma legislação de zoneamento foi aprovada, dificultando consideravelmente a inclusão de novos estabelecimentos noturnos nessa região.

Os membros do coletivo The Stud destacaram a influência de diversos políticos na alteração do zoneamento para permitir a instalação da nova localização do The Stud. O coletivo colaborou ativamente com os supervisores distritais, o Supervisor do Distrito 6, Matt Dorsey, cuja área engloba o novo espaço, o Supervisor do Distrito 8, Rafael Mandelman, e o Supervisor do Distrito 4, Joel Engardio, ambos políticos gays (Guzman, 2023).

Após superar esse desafio, a cooperativa que administra o bar iniciou uma campanha de crowdfunding para manter as atividades em pleno funcionamento, propondo reabrir as portas novamente em janeiro de 2024.

O The Stud é o bar LGBT mais antigo de São Francisco e um dos bares de drag mais famosos do mundo [...] E acabamos de assinar um contrato de aluguel em um novo local que será inaugurado até o final do inverno! Estivemos economizando dinheiro e procurando um novo lar para o nosso local de 57 anos de idade (que ainda se comporta como se tivesse 21) desde que fomos obrigados a fechar nossas portas durante a pandemia. E no mês passado, assinamos um contrato para comprar o bar perfeito (1123 Folsom Street) na principal área comercial do histórico Leather District de São Francisco (The Stud, 2023 – tradução nossa).

O bar The Stud é um exemplo do que relata Mattson (2019, 2020) de que os bares

gays tem enfrentado dificuldades financeiras para se manter, no exemplo The Stud, a pressão gentrificadora com o aumento do valor do aluguel em 150% e o novo zoneamento urbano podem ser percebidos, no entanto, também reverbera o lobby político LGBTQI+, conquista iniciada por Harvey Milk.

## 2.4 Café 't Mandje (Amsterdam)

A importância histórica do Café 't Mandje<sup>2</sup> inaugurado em 1927, em Amsterdam, destaca concomitantemente o papel de (Elisabeth Maria) Bet van Beeren na coletividade LGBTQI+, o café é considerado um símbolo na história queer de Amsterdam, ícone de tolerância, em 2008, 't Mandje foi incluída como a 39ª janela do Cânone de Amsterdam.

O ilustre café está localizado na rua Zeedijk (Figura 5), uma das ruas mais antigas da cidade, um dos principais acessos ao bairro da luz vermelha. A importância de 't Mandje se dá por ser um dos primeiros cafés onde gays e lésbicas não tiveram que esconder sua orientação, isso num período onde a homossexualidade era um tabu até mesmo para os holandeses. A legislação da época proibia dançar no café, incorrendo no risco de perder a licença, apenas no Dia da Rainha as regras eram afrouxadas, de modo que os homens podiam dançar com homens e as mulheres com mulheres, porém desde sempre, não se permitia beijos.



Figura 5 – Café 't Mandje (Amsterdam)

Fonte: Collectie Bureau Monumentenzorg (sem data informada); Alberts (1985); Bont (1962).

Bet van Beeren (Figura 6), foi uma personalidade abertamente lésbica, transformou o bar, anteriormente de seu tio, no Café 't Mandje, ponto de encontro acolhedor para diversas pessoas, desafiando as normas sociais da época, que consistiu como um dos primeiros bares mistos (gay/hétero) de Amsterdam, dado a importância e notoriedade de Bet, a mesma recebeu o título honorário de “Rainha do Zeedijk” por seus serviços a rua.

<sup>2</sup> A página de internet do “Cafe 't Mandje – Bet van Beeren, Fun & respect since 1927” pode ser acessada em: <https://www.cafetmandje.amsterdam/>



Figura 6 – Bet van Beeren (1902-1967)

Fonte: Collectie IAV-Atria (sem data); Presser (1966); Holsbergen (1961).

Lésbica peculiar e excêntrica, Bet cortava as gravatas dos clientes masculinos como lembranças, pendurando-as no teto do café. Sob sua gestão nas décadas de 1950 e 1960, 't Mandje floresceu, conforme relata Hekma (2015), em muitos casos mulheres lésbicas, eram quem administravam os bares mistos, que tiveram seus anos dourados pouco antes da revolução sexual.

De acordo com Hekma (2015), os frequentadores dos bares mistos eram bastante variado, como marinheiros e soldados que vinham de outros países, além das vizinhas prostitutas do bairro da luz vermelha, e também gays e lésbicas, numa época em que a homossexualidade ainda era algo abjeto. O escritor Gerard Reve<sup>3</sup> era um cliente regular do 't Mandje, ele foi o primeiro neerlandês famoso a admitir publicamente sua homossexualidade na década de 1960.

Era um refúgio onde, graças a Bet, as bichas e lésbicas, podiam ser elas mesmas e encontrar parceiros. Bet acolheu jovens lésbicas e gays e os ajudou com conselhos e assistência em seu caminho sexual (Hekma, 2015 – tradução nossa).

Havia uma política de portas, ou seja, um porteiro era quem liberava o acesso ao bar, caso algum policial viesse ao bar, uma luz vermelha dentro de uma coruja alertava os clientes, o que preservou muito gays e lésbicas (Winq, 2022). O Café 't Mandje era um local que proporcionava segurança para os clientes ricos que iam em busca de sexo e o exotismo no Zeedijk, bairro onde as oportunidades sexuais existiam para heterossexuais, gays e lésbicas (Doppert, 2023). As relações sexuais ocorriam na casa de um dos parceiros ou até mesmo num beco tranquilo, outras opções consistiam em quartos alugados pelos donos de bares ou em hotéis pagos por uma hora, como o Witte Ballon localizado ao lado de 't Mandje (Hekma, 1992).

<sup>3</sup> Gerard Kornelis van het Reve foi um dos três grandes nomes da literatura holandesa do pós-guerra. Suas principais obras são: *De Avonden* [As Noites] (1947); *Nader tot U* [Mais perto de ti] (1966); *Lieve Jongens* [Queridos Meninos] (1973); *De Vierde Man* [O quarto homem] (1981) – estes dois últimos com adaptações para o cinema.

O consumo excessivo de álcool, ocasionou a morte de Bet van Beeren em 16 de julho de 1967 devido a insuficiência hepática (Brand, 2017), para Sleutjes (2021) é espantoso o modo de vida de Bet, amparado no testemunho Jan Rogier (1967) por ocasião de seu falecimento:

durante quarenta anos sua dieta consistiu em cerveja, arenque - quando conveniente - e às vezes um pouco de comida sólida . Beber mais de quarenta cervejas por dia durante quarenta anos e depois morrer de uma doença hepática aos sessenta e cinco anos é uma conquista que ninguém consegue igualar (Rogier, 1967, *apud* Sleutjes, 2021 – tradução nossa).

Até 1970, a vida queer era dominada pela prática do *cruising* e sexo em mictórios e parques, às vezes em cinemas. Os bares ainda ocupavam um lugar marginal porque havia poucas oportunidades sexuais concretas, em parte devido a verificações regulares da polícia (Hekma, 1992; Duyves, 1993).

Após a morte de Bet em 1967, sua irmã mais nova, Greet, continuou a administração do café por 15 anos, mantendo o lugar popular e animado. Contudo, devido a problemas relacionados ao uso de drogas na área, o café foi fechado em 1982, seu interior impressionante permaneceu intocado durante dezessete anos, quando parte dos objetos do café foram realocados para o Museu de Amsterdam (ATRIA, 2018).

Ocorreu a reabertura temporária do café durante os Gay Games de 1998 como uma homenagem a Bet. Em 2007, por ocasião do 80º aniversário da abertura original por Bet, e 40 anos após sua morte, Greet vendeu o café à sua sobrinha, Diana van Laar, que após restaurar o bar como à sua antiga glória, reabriu-a ao público em 29 de abril de 2008 (Figura 7); bastante apropriado, sendo véspera do Dia da Rainha (feriado nacional), além do bar, o apartamento no andar de cima onde Bet morava foi fielmente reconstruído e fora alugado como um *bed and breakfast*.



Figura 7 – Café 't Mandje (após reabertura)

Fonte: Google (junho de 2008); Alberts (29 de abril de 2009)

Esse evento foi crucial para reviver o local e manter viva a tradição de acolhimento e inclusão. Desde então, o estabelecimento ganhou notoriedade consistindo marco nos

roteiros turístico para visitantes interessados na perspectiva única da história LGBTQI+ de Amsterdam.

Houve o esforço de preservação do interior original do café, incluindo uma extensa coleção de objetos e fotografias, muitos dos quais foram reproduzidos para evitar danos aos originais. Hekma (1992) ao fazer entrevistas para o *The Pink Border of Dark Amsterdam (De roze rand van donker Amsterdam)* constatou que os participantes do estudo tinham boas lembranças de Bet e 't Mandje.

A história e a herança cultural do café foram documentadas em colaboração com o *Stadsarchief* (Arquivo da Cidade) e o *Homo-archief* (Arquivo LGBTQ+), a relevância do Café 't Mandje continua a ser exposta no Museu de Amsterdam, através da réplica em permanência exibição, conforme mostra a Figura 8.



Figura 8 – Réplica do Café 't Mandje no Museu de Amsterdam

Fonte: Museum.nl (sem data informada); de Wildt (2015).

O café celebrou seu 90º aniversário em 2012 e continuou a ser um ponto de referência LGBTQI+ na cidade. Apesar de sua modesta dimensão, o Café 't Mandje continua expressando suas posições sobre questões LGBTQI+, o estabelecimento participa ativamente de eventos e discussões relacionados à causa queer. Sua designação como local oficial para cerimônias de casamento de pessoas LGBTQI+ destaca sua relevância como um espaço culturalmente importante para a cidade.

Durante o início da pandemia de Covid-19, o bar teve de fechar as portas novamente, em 2020, o edifício foi vendido à empresa de investimentos NV Zeedijk, que é controlada pela prefeitura, que buscou investidores para administrar o bar - mantendo as características do patrimônio cultural queer do bar por mais 100 anos (Café 't Mandje, 2020). As investidoras aprovadas pela empresa se comprometeram após findado as medidas restritivas da Covid-19 a abrir o bar diariamente após as 16 horas; fato que ocorreu em 15 de julho de 2022, segundo as administradoras, o público diário de turistas representa 20% do total da clientela (Gallant, 2023).

Desde sua abertura no início do século XX, passando por momentos de crise,

fechamento e reabertura contribuíram para a valorização e preservação desse local emblemático, atraindo os admiradores da Bet, o público gay e lésbica, além de turistas em busca de experiências autênticas e culturais. Este estabelecimento permanece como um símbolo de resistência queer da cidade.

### 3 | DISCUSSÃO

Diversos desafios e dificuldades são relatados na mídia direcionada ao público gay quando se trata de fechamento das casas noturnas ou bares gays. Interpretado o título à luz do existencialismo, destaca-se como as tomadas de decisão e as responsabilidades individuais e social influenciam na construção da identidade queer.

Enfrentar desafios, em vez de ser destruído por eles, é uma expressão da liberdade humana que dá significado à própria existência. Como exposto anteriormente os bares gays tem enfrentado adversidades constantes ao longo do tempo, resistem em prol de uma coletividade, sendo locais fulcrais na resistência urbana LGBTQI+.

De modo geral, com base no referencial teórico exposto anteriormente, bem como na breve menção aos bares Stonewall, Comptons, The Stud e Café 't Mandje pode-se afirmar a estreita relação entre os bares gays e as cidades turísticas, uma vez que compartilham características.

Ao entender as forças que os tornam atraentes para a coletividade LGBTQI+, podemos explorar como esses espaços contribuem para a diversidade cultural e para o turismo local. No entanto, também é essencial reconhecer as vulnerabilidades que enfrentam, desde desafios financeiros até mudanças nas preferências do consumidor. Enquanto o turismo LGBTQI+ se destaca como uma oportunidade em ascensão, os bares gays enfrentam ameaças como restrições sociais e competição crescente, se localizados fora dos bairros gays, os empreendimentos podem sofrer repressões da comunidade ou de empresários da região.

De certo, a análise não é regra, porém revela a complexidade e a importância desses estabelecimentos como parte integrante da identidade queer local e das culturas de cada cidade turística. Embora os bares gays tenham forças distintas, eles enfrentam desafios significativos, especialmente em um ambiente dinâmico e em constante mudança. A adaptação, a inovação e a colaboração são essenciais para garantir a relevância contínua e o sucesso desses estabelecimentos como indutores turísticos em destinos *friendly*.

### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os bares desempenharam um papel fundamental na formação dos bairros gays. Eles foram espaços essenciais de sociabilidade, onde os gays podiam se reunir, socializar, fazer contatos interpessoais, aliviar o isolamento social e realizar eventos comunitários, como exposições de arte, leilões de caridade e reuniões políticas. Os bares eram considerados

as instituições culturais mais importantes para os homens gays do século XX, onde muitos homens recém-saídos do armário eram socializados e onde a comunidade gay se reunia para fortalecer seus laços e identidade coletiva.

Portanto, os bares desempenharam um papel central na criação e consolidação dos bairros gays como espaços de pertencimento e expressão cultural. Muitos destinos turísticos populares entre a comunidade LGBTQ+ são conhecidos por seus vibrantes bares gays. Esses locais se tornam pontos de referência e atrações turísticas para viajantes que buscam experiências autênticas e inclusivas.

Os bares gays oferecem oportunidades para os viajantes LGBTQ+ se conectarem com a comunidade local e com outros visitantes. Eles servem como espaços de socialização, networking e troca de experiências entre pessoas com interesses e identidades em comum.

Ao visitar esses locais, os turistas têm a oportunidade de vivenciar e apreciar a diversidade cultural e a história da comunidade local. Os bares gays muitas vezes refletem a cultura e a identidade da comunidade LGBTQ+ de uma região específica. Para muitos viajantes LGBTQ+, esses bares representam espaços seguros e acolhedores onde podem se expressar livremente e ser aceitos sem julgamentos. Isso contribui para uma experiência turística mais positiva e inclusiva.

Os bares gays muitas vezes são destacados em guias de viagem e recursos turísticos voltados para a comunidade LGBTQ+, ajudando a promover destinos e a atrair visitantes interessados em explorar a vida noturna e a cultura local.

## REFERÊNCIAS

ADAM, P. Bonheur dans le ghetto ou bonheur domestique? Enquête sur l'évolution des expériences homosexuelles. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 128, p. 56-72, 1999.

ANDERSSON, Johan. East end localism and urban decay: Shoreditch's re-emerging gay scene. **The London Journal**, v. 34, n. 1, p. 55-71, 2009.

ANDERSSON, Johan. Homonormative aesthetics: AIDS and 'de-generational unremembering' in 1990s London. **Urban Studies**, v. 56, n. 14, p. 2993-3010, 2019.

ATRIA. **Bet van Beeren – biografie**. 28 de setembro de 2018. Disponível em: <https://atria.nl/nieuws-publicaties/bijzondere-vrouwen/vrouwelijke-pioniers/bet-van-beeren-biografie/>. Acesso em: 31 jan. 2024.

BATEY, Eve. **The Stud, San Francisco's Oldest Queer Bar, Has Lost Its Home**. Eater San Francisco, 21 de maio de 2020. Disponível em: <https://sf.eater.com/2020/5/21/21266456/the-stud-soma-closing-lgbtq-gay-bay-san-francisco>. Acesso em: 31 jan. 2024.

BIESCHKE, Mark. **50-year-old gay bar The Stud faces closure as rent triples**. 03 de julho de 2016. Disponível em: <https://48hills.org/2016/07/the-stud-future/>. Acesso em: 31 jan. 2024.

BINNIE, Jon; SKEGGS, Beverly. Cosmopolitan knowledge and the production and consumption of sexualized space: Manchester's gay village. **The Sociological Review**, v. 52, n. 1, p. 39-61, 2004.

- BITTERMAN, A. The Rainbow Connection: A Time-Series Study of Rainbow Flag Display Across Nine Toronto Neighborhoods. *In*: BITTERMAN, A.; HESS, D. B. **The Life and Afterlife of Gay Neighborhoods**. Renaissance and Resurgence. Cham: Springer, 2021. p. 117-137
- BLIDON, M. Les commerces gays entre logique économique et logique communautaire. *In*: PERREAU, B. **Le Choix de l'homosexualité**. Recherches inédites sur la question gay et lesbienne. Paris: EPEL, p.151-166, 2007.
- BRAND, Hilde. **Beeren, Elisabeth Maria van (1902-1967)**. Huygens Instituut, 22 de maio de 2017. Disponível em: <https://resources.huygens.knaw.nl/vrouwenlexicon/lemmata/data/Beeren>. Acesso em: 31 jan. 2024.
- BRAVO, Tony. **Exclusive: Famed S.F. LGBTQ bar the Stud to reopen at new location**. San Francisco Chronicle, 04 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.sfchronicle.com/entertainment/article/sf-the-stud-reopen-18338150.php>. Acesso em: 02 fev. 2024.
- BUSSCHER, P. O.; MENDÈS-LEITE, R.; PROTH, B. M. Rituais de troca e práticas sexuais masculinas. Sexo impessoal: entre a erotização do espaço e a organização das identidades (bi)sexuais. *In*: **Lugar Comum – Estudos de mídia, cultura e democracia**. Publicação da Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ, n. 2-3, 1997.
- BUTLER, J. **Bodies that Matter: On the Discursive Limits of 'Sex'**. Londres: Routledge, 1993.
- BUTLER, J. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. Londres, Routledge: 1990.
- COMPTONS. **About Us**. 2023. Disponível em: <https://www.comptonsofsoho.co.uk/comptons>. Acesso em: 31 jun. 2023.
- DOAN, P. L. Why plan for the LGBTQI+ Community?. *In*: DOAN, P. L. **Planning and LGBTQI+ Communities The Need for Inclusive Queer Spaces**. Nova Iorque: Routledge, 2015. p. 2-12.
- DUYVES, Mattias, Geography of Amsterdam gay life. **Geografie**, v. 2, n. 2, p. 18-22, 1993.
- GALLANT, Paul. **Amsterdam's most storied lesbian-run bar has gone back to its roots**. Pink Ticket, 28 de junho de 2023. Disponível em: <https://pinktickettravel.com/2023/06/28/cafè-t-mandje-amsterdam-travel/>. Acesso em: 02 fev. 2024.
- GHAZIANI, Amin. Belonging in gay neighborhoods and queer nightlife. *In*: SAIDMAN, S.; FISCHER, N.; WESTBROOK, L. **Introducing the New Sexuality Studies: Original Essays and Interviews**: Abingdon: Routledge e Nova Iorque, 2022. p. 540-550
- GHAZIANI, Amin. Measuring urban sexual cultures. **Theory and Society**, v. 43, n. 3-4, p. 371-393, 2014.
- GHAZIANI, Amin. Sexual meanings, placemaking, and the urban imaginary, Cap. 24, p. 226-234. *In*: GRINDSTAFF, L., LO, M. M., HALL, J. R. **Routledge Handbook of Cultural Sociology** Routledge. Londres: Routledge, 2018.
- GIRAUD, Colin. Les commerces gays et le processus de gentrification: l'exemple du quartier du Marais à Paris depuis le début des années 1980. **Métropoles**, v. 5, p. 79-115, 2009.

GIRAUD, Colin. Renouveler les approches de la gentrification: le cas de la "gaytrification". In. AUTHIER, Jean-Yves; BOURDIN, Alain; LEFEUVRE, Marie-Pierre. **La Jeune sociologie urbaine francophone: Retour sur la tradition et exploration de nouveaux champs**. Lyon, França: Presses Universitaires de Lyon, p. 137-152, 2014. Disponível em: <http://books.openedition.org/pul/4676>. Acesso em: 03 fev. 2024.

GIRAUD, Colin. **Sociologie de la gaytrification. Identités homosexuelles et processus de gentrification à Paris et Montréal**. Tese de doutorado. Universidade Lumière Lyon 2, Faculdade de Antropologia e Sociologia: Lyon, 2010. Disponível em: [http://theses.univ-lyon2.fr/documents/lyon2/2010/giraud\\_c/info](http://theses.univ-lyon2.fr/documents/lyon2/2010/giraud_c/info). Acesso em: 03 abr 2020.

GRÉSILLON Boris, Faces cachées de l'urbain ou éléments de culture d'une centralité urbaine? Les lieux de la culture homosexuelle à Berlin, **L'espace géographique**, n. 4, p.301-313, 2000.

Guzman, Dianne de. **Legendary San Francisco Queer Bar the Stud Is Set to Return to a New Folsom Street Home**. Eater San Francisco. Disponível em: <https://sf.eater.com/2023/9/5/23859810/the-stud-sf-lgbtq-bar-reopen>. Acesso em: 10 fev. 2024.

HAHM, J.; RO, H.; OLSON, E. D. Sense of belonging to a lesbian, gay, bisexual, and transgender event: the examination of affective bond and collective self-esteem. **Journal of Travel & Tourism Marketing**, v. 35, n. 2, p. 244-256, 2018.

HEKMA, Gert. Amsterdam. **GLBTQ Archive**. 2015. Disponível em: [http://www.glbqtarchive.com/ssh/amsterdam\\_S.pdf](http://www.glbqtarchive.com/ssh/amsterdam_S.pdf). Acesso em: 02 set. 2020.

HEKMA, Gert. Az amszterdami vendéglátóhelyek meleg kultúrája és a homoszexuális, illetve lesbikus identitás változásai. **Budapesti Negyed**, v. 55, p. 215-226, 2007.

HEKMA, Gert. **Roze rand van donker Amsterdam** de opkomst van een homoseksuele kroegcultuur 1930-1970. Amsterdam: Uitgeverij van Gennep BV, 1992.

HILDERBRAND, Lucas. **The Bars Are Ours: Histories and Cultures of Gay Bars in America, 1960 and After**. Duke University Press, 2024.

HUGHES, Howard. Gay men's holiday destination choice: a case of risk and avoidance. **International Journal of Tourism Research**, v. 4, n. 4, p. 299-312, 2002.

HUMPHREYS, L. Tearoom trade: impersonal sex in public places. In: LEAP, W. L. **Public sex, gay space**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1999. p. 29-54.

KUKURA, Joe. Community Bands Together To Save Iconic SoMa Gay Bar The Stud After New Owners Hike Rent 150%. SFist, 04 julho 2016. Disponível em: [https://sfist.com/2016/07/04/saving\\_the\\_stud](https://sfist.com/2016/07/04/saving_the_stud). Acesso em: 31 jan. 2024.

LEROY, S. Le Paris gay. Éléments pour une géographie de l'homosexualité, **Annales de géographie**, n. 646, p.579-601, 2005.

MATTSON, Greggor. Are gay bars closing? Using business listings to infer rates of gay bar closure in the United States, 1977–2019. **Socius**, v. 5, p. 2378023119894832, 2019.

MATTSON, Greggor. Shuttered by the Coronavirus, Many Gay Bars—Already Struggling—Are Now on Life Support. **The Conversation**, 2020.

MATTSON, Greggor. The changing role of gay bars in American LGBTQI+ life. In: SAIDMAN, S.; FISCHER, N.; WESTBROOK, L. **Introducing the New Sexuality Studies: Original Essays and Interviews**: Abingdon: Routledge e Nova Iorque, 2022. p. 570-578.

MATTSON, Greggor. **Who needs gay bars?: bar-hopping through America's endangered LGBTQ+ places**. Stanford, California: Redwood Press, 2023.

MONTENEGRO, T. M. A cidade como marca: um estudo de juiz de fora sob a ótica do place branding. **Revista Multidisciplinar Pey Këyo Científico**, v. 7, n. 2, p. 14-36, 2022.

NEVES, Christopher S. B. **Do descanso ao sexo: Um estudo das práticas hedonistas de lazer e prazer dos turistas gays**. 2020. 308 fls. Dissertação de Mestrado. Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Turismo. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2020. <https://hdl.handle.net/1884/73569>

NUNAN, A. **Homossexualidade**: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansaraí, 2003.

O'FURR, Path. **Frolic 'the original furry nightclub' to lose historic venue – community responds**. Dogpatch Press, 05 de julho de 2016. Disponível em: <https://dogpatch.press/2016/07/05/frolic-furry-dance-lose-venue/>. Acesso em: 02 fev. 2024.

PODMORE, J. A. 'Gone Underground'? Lesbian visibility and the consolidation of queer space in Montréal. **Social and Cultural Geography**, v. 7, p. 595-625, 2006.

PODMORE, J. A. Lesbians as village 'queers': the transformation of Montréal's lesbian nightlife in the 1990s. **ACME: An International Journal for Critical Geographies**, v. 12, n. 2, p. 220-249, 2013.

POLLAK, M. L'homosexualité masculine: le bonheur dans le ghetto?. **Communications**, n. 35, p.37-55, 1982.

QUILLEY, S. Constructing Manchester's "New Urban Village": Gay Space and the Entrepreneurial City . In: INGRAM G. B.; BOUTHILLETTE A. M.; RETTER, Y. **Queers in Space**. Washington D.C.: Bay Press, 1997, p. 275-292.

ROGIER, Jam. Bet in memoriam. **Dialoog**, v. 5, p. 173, 1967.

ROSE, G. **Feminism & Geography: the limits of geographical knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993.

SIBALIS, M. Urban space and Homosexuality: the example of the Marais, Paris' gay ghetto. **Urban Studies**, v. 41, n. 9, p. 1739-1758, 2004.

SLEUTJES, Martin. **Bet van Beeren**. With Pride. Disponível em: <https://withpride.ihlia.nl/story/bet-van-beeren/>. Acesso em: 09 fev. 2024.

THE STUD. **About. The Stud is Coming Back... But We Need Your Help!** 2023. Disponível em: <https://www.studsf.com/about>. Acesso em: 02 fev. 2024.

THE WHITE HOUSE. **Presidential Proclamation -- Establishment of the Stonewall National Monument**. President Barack Obama, 24 de junho de 2016. Disponível em: <https://obamawhitehouse.archives.gov/the-press-office/2016/06/24/presidential-proclamation-establishment-stonewall-national-monument>. Acesso em: 02 fev. 2024.

TRAVEL GAY. **Comptons of Soho**. 2012. Disponível em: <https://www.travelgay.pt/venue/comptons-of-soho>. Acesso em: 02 fev. 2024.